

EU ESCREVO COMO UMA GAROTA

SOBRE O DIREITO DA MULHER DE
SER ELA MESMA



EU ESCREVO COMO UMA GAROTA

Sobre o direito da mulher de ser ela mesma

Por Camille Thomaz Labanca

Este trabalho está registrado no Escritório de Direitos Autorais (EDA) da Fundação Biblioteca Nacional e sua reprodução total ou parcial está proibida sem autorização prévia (escrita e assinada) pela autora. Este trabalho expressa uma opinião pessoal.

EU ESCREVO COMO UMA GAROTA

O que você faria se eu pedisse para você correr como uma garota? Eu poderia apostar que, se você não pensou duas vezes, sua mão foi para o cabelo ou ficou desengonçada no ar, seus pés estavam tortos, o sorriso tentava ser charmoso e sua velocidade máxima seria uma piada para qualquer homem.

A imagem não é bonita e quem reconheceu isso primeiro foi a marca de absorvente Always, que lançou uma campanha em junho de 2014 e colocou em pauta uma questão que poucos notam. #Likeagirl era a hashtag que deveria ser usada no Twitter, indicando o que a mulher faria como uma garota.

A pergunta foi feita para homens e mulheres de diferentes idades, que correram, jogaram bola, lutaram como garotas. Homens, independentemente da idade, já carregavam a imagem de fragilidade, tornando qualquer atividade motivo de risadas. Mulheres com seus vinte e poucos anos esqueciam quem eram e passavam a ser essa mesma fragilidade.

As mais novas? Elas corriam com toda a vontade. Elas lutavam usando todas as suas forças. Jogavam uma bola como se fossem as pessoas mais fortes do mundo. Percebiam que fazer algo como uma garota era uma forma de denegrir a imagem delas mesmas, e não permitiam isso.

Não sei quantas mulheres se emocionaram com o vídeo. Não imagino quantas se sentiram confortadas, consoladas e dispostas a lutar mais por si mesmas. Nem tenho ideia se a campanha fará a diferença no mundo. Entendo o que ela significou para mim, a importância dela em uma sociedade que ainda coloca a mulher como dona de casa.

Eu canto como uma garota, danço como uma garota, corro como uma garota, escrevo como uma garota, penso como uma garota, amo como uma garota, vivo como uma garota. Porque sou uma garota.

SOBRE SER MULHER

Ser humano é seguir padrões pré-determinados. Mulheres, nesses padrões, nunca foram devidamente valorizadas: não recebiam educação, não votavam, não tinham direitos, suas opiniões não importavam, deveriam obedecer ao pai e suas preocupações poderiam se limitar a ter filhos, cozinhar bem e deixar tudo pronto para quando o marido, homem trabalhador, chegasse em casa.

No Brasil, a década de 80 foi um divisor de águas - pelo menos historicamente. Homens foram obrigados a aceitar que não conseguiam mais ganhar dinheiro suficiente para pagar todas as contas e "permitiram" que mulheres procurassem emprego. Elas pegaram a oportunidade e não soltaram.

No mundo, esse papel estava sendo disputado há muito mais tempo. Começou com o fim da Primeira Guerra Mundial, que matou 16 milhões de pessoas e praticamente acabou com toda uma geração de homens. Não demorou muito para que as mulheres tivessem que assumir seus lugares e, aos poucos, fossem conquistando seus direitos.

Passaram-se muitos anos. E, como não é possível conhecer o futuro, não temos como indicar como a situação da mulher será no futuro. Todavia, podemos sim falar sobre a confusão do hoje. Confusão essa que, querendo ou não, é característica nacional - algo não necessariamente negativo.

2014. As mocinhas de livros mais famosas já não são aquelas que aceitam as ordens de seus amados, e sim as que lutam com todas as forças por seus objetivos. Julia Quinn, autora reconhecida internacionalmente, aposta em mulheres de opiniões fortes em seus romances históricos.

O Brasil tem como presidente uma mulher. A favor ou contra sua política, a maioria da população confiou seu próprio país a uma pessoa do sexo feminino. Ela não é a única a alcançar o papel de destaque: mulheres envolvem-se em programas empreendedores, mulheres querem fazer a diferença, mulheres recebem prêmio por suas iniciativas.

2014. O mesmo ano no qual se inicia uma campanha online para mapear os casos de abusos da mulher. Chega de Fiu Fiu é um projeto de já uniu mais de 7 mil respostas de mulheres, sendo que 99,6% delas disseram já ter sofrido algum assédio. Perguntas, aparentemente tão básicas, fizeram parte do questionário elaborado pela jornalista Karin Huek. A resposta é assustadora. Mais de 6 mil mulheres confirmaram que já deixaram de fazer algum tipo de atividade, às vezes algo simples como andar na rua, por conta do medo do assédio. Boa parte (73%) não se defende do mesmo por medo. A campanha já chegou a outros países e recebe apoio de mulheres que já se encontraram em situações similares.

2014. Julho, quando a jornalista Eliane Brum escreve uma matéria para o El País e explora uma questão que, no Rio de Janeiro, já virou hábito:

"Mas acredita-se necessário criar um vagão só para mulheres nos trens de transporte público da cidade mais cosmopolita do país. Por quê? [...] É bizarro. Diante de uma mulher, num espaço apertado, atulhado de gente, alguns homens sentem-se autorizados a abusar dela. Isso diz de cada indivíduo e, claro, diz também dessa sociedade. [...] Mais bizarro do que o ato individual, porém, é o ato público. [...] Comete-se violência sexual contra as mulheres nos trens, segrega-se as vítimas."

(BRUM, Eliane. Vagão rosa, para não ser encoxada. El País. 2014. in: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/21/opinion/1405949263_547794.html)

O pouco respeito para com as mulheres, em pleno século XXI, continua vindo de todas as esferas. Como costume, as soluções não se encaminham para a educação da sociedade, mas sim para medidas extremistas e rápidas, que, a longo prazo, não mudam praticamente nada.

Seria tudo isso algo muito além do preconceito? Talvez sim. Em meio à Copa do Mundo, feministas se voltaram para defender Maria Clara Bubna, estudante de 20 anos de Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Isto porque Bernardo Santoro, professor também da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) publicou, em seu *facebook*, sua opinião sobre o machismo.

Em edição, o professor falou que o texto não passava de uma brincadeira. Difícil de acreditar, quando a visão descrita pelo mesmo é tão coerente com a sociedade atual. Em suas palavras, feminismo seria "dar para o mundo", motivo pelo qual qualquer anti-feminista perderia respeito perante a ele.

Brincadeira ou não, a iniciativa chegou à aluna de direito e ela acabou sendo o principal alvo do professor. Em seu Manifesto, "Sobre o Silêncio ou o Manifesto pela Voz", a realidade do pensamento machista é exposto.

"Comecei a receber mensagens ameaçadoras que passavam desde xingamentos como 'vadia caluniadora' até ameaças de 'estupro corretivo'."

(BUBNA, Maria Clara. Sobre o Silêncio ou o Manifesto pela Voz. Cromossomo X. 2014.
in: <http://cromossomox.com.br/2014/06/maria-clara-bubna-sobre-o-silencio-ou-manifesto-pela-voz>)

Como não voltar à campanha Chega de Fiu Fiu e lembrar do medo, a palavra mais repetida em todas as entrevistas feitas com mulheres? Se os próprios educadores incentivam uma postura machista, como mostrar que o pensamento, no mínimo, não é justo?

A problemática não se prende somente aos diversos tipos de abuso praticado (não vamos nem começar a aprofundar o abuso psicológico). Trabalho, educação, luta por direitos, queima de roupas íntimas... Plásticas? Dieta? Botox?

Mulher bonita é aquela que malha, está abaixo do peso, veste calça 36. Não vamos culpar a televisão, as modelos, as estilistas, a moda como um todo. Se vamos apontar dedos, porque não virá-los para nós mesmos?

"A filha da minha amiga, a menina de oito anos, sempre foi muito fotografada pela mãe quando era pequena. A mãe é uma excelente fotógrafa e as fotos mostravam a cumplicidade das duas nos rituais das poses, das caras e bocas, ao longo da vida. [...] Neste verão ela e mãe foram de férias para Salvador e quando pedi para ver as fotos, vi uma menina tímida e retraída, e a cada foto que ela me mostrava dizia, 'nesta eu não estou muito bem, estou muito gorda'. Aos oito anos ela já foi acometida pela loucura da braba e está doente. A espontaneidade que ela tinha fazendo poses, caras e bocas ao

ser fotografada pela mãe foi completamente comprometida na medida em que ela foi crescendo e compreendendo o triste legado que ensinamos às nossas meninas e que afirma que os nossos corpos não valem nada."

(ALMEIDA, Lélia. Mulheres Famintas. Wall Street Internacional. 2014. in: <http://wsimag.com/pt/bem-estar/9665-mulheres-famintas>)

EU ME DEFENDO COMO UMA MULHER

"Então, quando conseguimos dizer as coisas, quando conseguimos escrever as palavras, quando conseguimos expressar a sensação, talvez não estejamos tão indefesos."

(DELLAIRA, Ava. Carta de Amor aos Mortos. Editora Seguinte, 2014. Página 311.)

Ignorar a realidade não faz dela diferente. Fingir que tudo está bem enquanto mulheres são ameaçadas de "estupro corretivo", enquanto se é preciso criar uma campanha para que mulheres não se sintam sozinhas ou julgadas por terem medo de saírem na rua. Mulheres não são a parte mais fraca: elas lutam por seu espaço, pelos mesmos direitos que são dados desde muito antes aos homens.

Ao mesmo tempo em que fazem as unhas, cuidam dos filhos, decidem qual será o almoço do dia seguinte. Sem reclamar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lélia. Mulheres Famintas. Wall Street Internacional. 2014. in: <http://wsimag.com/pt/bem-estar/9665-mulheres-famintas>

BERLOWITZ, Paula. Post machista de Bernardo Santoro em seu facebook irrita Feministas de todo o Brasil. Cromossomo X. 2014. in: <http://cromossomox.com.br/2014/06/post-machista-de-bernardo-santoro-irrita-feministas>

UBNA, Maria Clara. Sobre o Silêncio ou o Manifesto pela Voz. Cromossomo X. 2014. in: <http://cromossomox.com.br/2014/06/maria-clara-bubna-sobre-o-silencio-ou-manifesto-pela-voz>

Chega de Fiu Fiu. in: <http://chegadefiufiu.com.br>

DELLAIRA, Ava. Carta de Amor aos Mortos. Editora Seguinte, 2014.

Infográfico Pesquisa online realizada em agosto de 2013. in: <http://thinkolga.files.wordpress.com/2013/07/infografico-chega-de-fiu-fiu.jpg>

Camille Thomaz Labanca

Apaixonada pelo meio editorial, leitora assídua desde quando se entende por gente. Tem lá suas preferências, mas o livro for bem escrito, basta parar em sua mão. Freelancer, empreendedora, idealizadora do Beletristas. Adora marketing de tudo quanto é jeito: digital, estratégico, social media, e até de cabeça para baixo. Já foi melhor em se descrever, agora prefere ocupar o tempo falando menos e fazendo mais.

<http://beletristas.com>

<http://blog.beletristas.com>

camille@beletristas.com